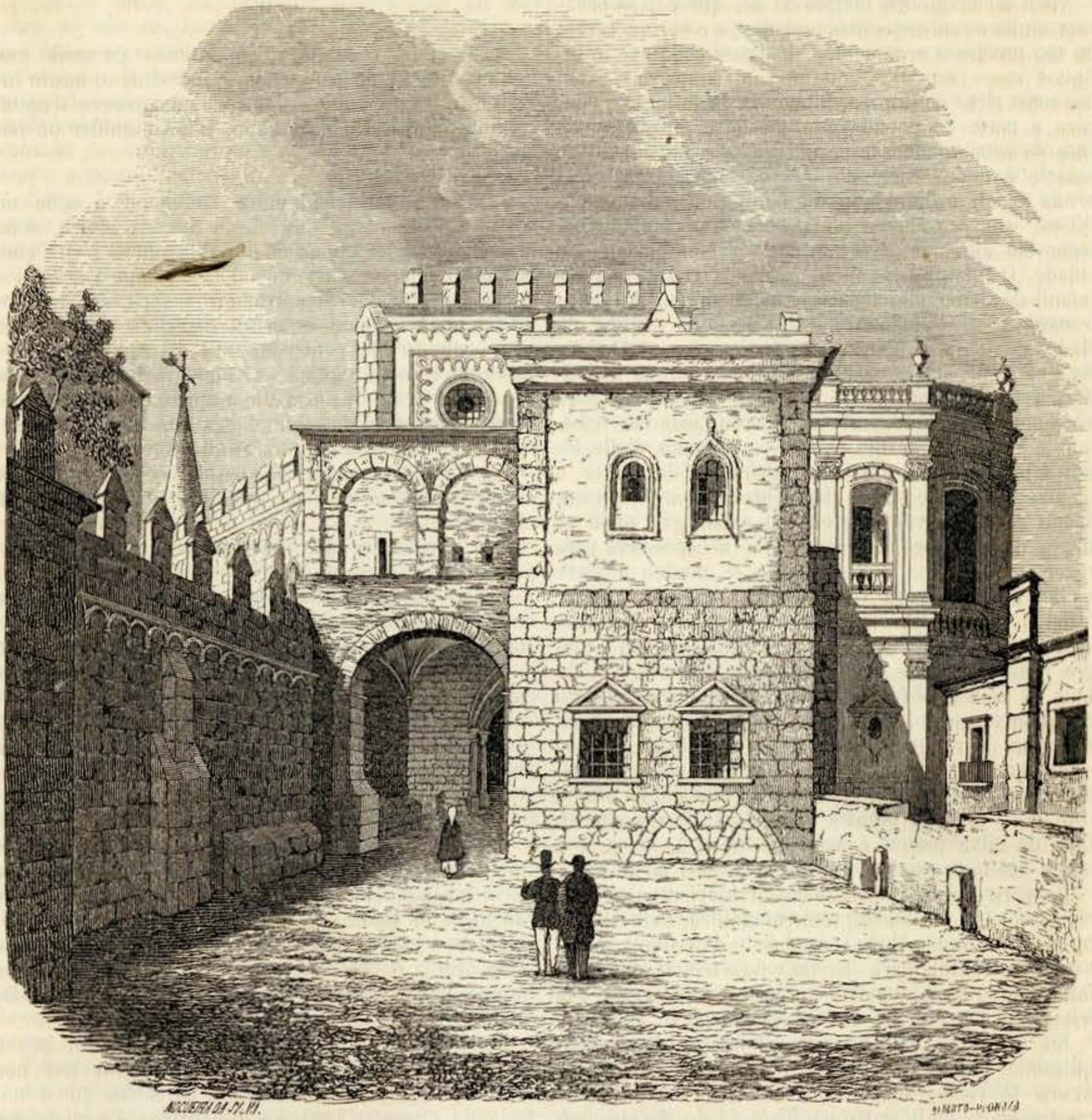


Sé de Evora — Desenho de Nogueira da Silva

A antiga sé de Evora foi fundada pelo seu segundo bispo, D. Payo, que lhe lançou a primeira pedra aos 24 de abril de 1186, reinando D. Sancho I; e a 21 de maio de 1204 a dedicou e consagrou a Maria Santissima com o titulo da Annunciada ou do Anjo. Dezoito annos gastou o santo bispo n'esta fabrica, que hoje se não faria em noventa, diz André de Rezende na «Historia das Antiguidades de Evora» que reimprimiu em 1576.

Está esta cathedral no mais alto da cidade, a que as suas tres elevadas torres, engraçadas varandas e ameias servem de magestosa coroa. É toda de pedraria, com architectura gothica, e tão forte como bem entendida. Consta de tres naves abertas em vinte capellas, todas ricas, e aceiadamente ornadas: teve muitas outras encostadas aos pedestaes, que são umas montanhas de pedra, as quaes se tiraram por desabafar a egreja, ficando só a da senhora do Anjo.

Entra-se n'ella por tres formosas portas, a principal, que olha para o sul, a que servem de guarda e ornato as estatuas de pedra dos doze apostolos, e as do poente e do sol.

Padecia alguma falta de luz, que a fazia melancolica, defeito ordinario das basilicas antigas, a quem talhavam escuras para as fazer veneraveis; mas abrindo-se-lhe novas janellas pela parte do nascente, ficou com o remedio d'este defeito convertida em paraiso. Tambem lhe achavam algum na fórma da capella-mór, porque parecia pequena cabeça para tão agigantado corpo, e limitado coro para tão numeroso e reverendo cabido; este emendou o famoso bispo D. Durando I, mandando fazer a famosissima capella-mór que durou até ao anno de 1721, em que a magestade del-rei D. João V, a petição do cabido, séde vacante, mandou fazer a nova em tudo regia e pontificia.

Poz D. Durando o altar-mór no meio da capella, como se pratica em todas as basilicas de Roma, e o agradecimento do cabido lhe consagrou em um marmore de abbreviaturas gothicas uma, que então julgou eterna, memoria; mas porque esta morreu com a nova fabrica, poremos aqui a traducção:

«Esta capella, que o povo eborense enriqueceu com as suas dadivas, foi fundada pelo bispo D. Durando, que Deus levou para si com grande sentimento nosso,

aos 2 de abril de 1283. Todos os que virem esta pedra, lembrados de que tambem hão de morrer, lhe digam um *Miserere* pela sua alma.»

Além do magnifico templo da sé, que depois ornaram muito os subsequentes prelados, e o enriqueceram de tão preciosos ornamentos, insignes reliquias, e infinitos vasos sagrados, que é sem controversia um dos mais ricos da Europa, fundou D. Payo junto d'elle, para a parte do poente, um mosteiro em que vivia com os seus conegos e secularisados. Este serviu de palacio á maior parte dos nossos bispos; mas crescendo depois a dignidade, e a familia dos nossos pontifices, e não podendo alojar-se commodamente em logar tão apertado, viveram em diversos palacios da cidade. O infante cardeal D. Affonso viveu na rua dos Infantes, a que elle e seus irmãos deram o nome: o cardeal D. Henrique na de Mesquita, acima da Madre de Deus, e no paço de S. Francisco, e D. João de Mello no palacio de Sertorio: mas porque a residencia tão distante da sé, lhe era incommoda para vir quotidianamente assistir ao coro, mandou reformar e ampliar o antigo palacio, e no mais d'elle fez um delicioso jardim; e para nutrimento das flores, e plantas que n'elle tinha, por dentro da parede mestra (como ainda se vê), metteu um canal, por onde se tirava de um poço d'agua nativa, a necessaria para regar os canteiros e alegretes, e se mudou a viver n'elle. Seu successor D. Theotonio desfez o jardim, fazendo em seu logar uma formosa galeria, que caía sobre o terreiro da sé, e lograva uma dilatada e alegre vista da cidade e da campanha. Em 1664 D. fr. Luiz de Sousa, bispo eleito do Porto, e governador do nosso arcebispado, séde vacante, aproveitando-se da sé velha, e reliquias do castello da cidade, que se estendiam até á portaria dos reverendos padres Loios, levantou um novo quarto ao palacio, com o qual o uniu com dois grandes arcos e passadiço; finalmente D. Luiz da Silva pintou e azulejou todas as salas, e o ornou em fórma que é um dos melhores do reino.

Da parte opposta ao palacio archiepiscopal, fica a claustra, obra verdadeiramente magnifica, toda de cantaria, e com mui nobres varandas, e corredores cobertos e descobertos, para que em todo o tempo se possam fazer com commodidade as procissões da egreja. Foi feita esta claustra em 1376, pelo bispo D. Pedro IV.

Eis o que nos refere sobre a fundação d'esta antiquissima cathedral, o padre F. da Fonseca, na sua *Evora Gloriosa*, seguindo o que deixou escripto o mestre André de Rezende na *Historia da Antiguidade de Evora*.

«Em 1721, reinando D. João V, representou-lhe o cabido que era mui acanhada a capella-mór para os officios pontificaes; e este faustoso rei lhe mandou fazer outra, com ajuda das rendas colossaes da mitra, pelo risco de Ludovice, architecto do convento de Mafra. É toda de finos marmores e de excellentes esculpturas, e no conceito dos entendedores, uma das mais sumptuosas e de melhor gosto que ha no reino. A nossa estampa accusa bem a sua architectura exterior.

Todo o mais edificio, que é gothico, e está intacto por fóra, por dentro tem algumas alterações que o desfeiam.

O conde Rachzinche falla com muito louvor na sé de Evora, e nos quadros que ornam o seu templo, attribuidos a Gran-Vasco e sua eschola.

Este templo tem de comprimento 42 metros, 20 de largura e 25 de altura.

Quando dermos a estampa do seu magestoso frontispicio, faremos a descripção das capellas.

A negligencia é pégo sem fundo em que todos se alagam.

FR. HEITOR PINTO

SCIENCIA POPULAR

II

Pegae n'um copo de vidro, voltae-o de modo que fique com o fundo para cima, e introduzi-o, assim invertido e muito direito, dentro d'uma porção d'agua, contida n'um vaso apropriado, n'um alguidar ou bacia de mãos.

Que observaes?

1.º Que ao principio entra facilmente a agua no copo; 2.º que, logo que chega a certa altura, sobe mais lentamente e com mais difficuldade; 3.º que, por mais que se carregue no copo, nunca a agua o enche todo, ficando sempre entre a superficie interior do fundo do mesmo copo e a superficie superior da agua, que n'elle penetrou, um espaço que parece não conter coisa alguma; 4.º que, inclinando o copo dentro da agua, sáem d'elle numerosas bolhas que, atravessando-a e chegando á sua superficie, desapparecem na atmosphera, produzindo estrondo.

Estudemos pausadamente os phenomenos que vem de ser mencionados, e que qualquer facilmente poderá observar.

Que continha o copo, antes de se principiar a experiencia?

Nada, responderão muitas pessoas que, por falta de conhecimentos scientificos, e por confiarem demasiadamente no testimunho dos sentidos, que a cada passo nos enganam, suppõem desoccupados todos os espaços em que não vêem coisa alguma.

Nada, dirão tambem alguns doutos, não porque ignorem a verdade ou a queiram dissimular, mas pelo habito em que estão de usarem da linguagem popular, [1] que é muitas e muitas vezes inexacta, como no caso presente.

Pois não estava desoccupado ou vasio o copo; estava pleno d'ar atmospherico, corpo incolor, quando se vê em pequena quantidade, e subtilissimo, como são todos os gazes.

Assente esta primeira verdade, digamos alguma coisa ácerca da constituição atomica dos corpos e das fórmas que, d'ordinario, apresentam, para que mais facilmente possamos ser entendidos.

Fundando-se em razões muito ponderosas, que o caracter elementarissimo d'estas palestras nos não permitte expor agora, admittem os sabios que a materia de que são formados os corpos, longe de ser continua, como nos leva a crer o exame dos mesmos corpos, por mais minucioso que o façamos, é formada de porções tenuissimas, independentes umas das outras para a sua existencia material, que não é possivel ver, nem dividir ou reduzir a entidades menores.

A estas minimas porções de materia dão os physicos o nome de *atomos*.

[1] Ha duas especies de linguagem: a popular ou commum, e a scientifica ou philosophica.

Quando fallâmos a linguagem popular, empregâmos, as mais das vezes, as palavras e phrases no sentido em que a maior parte da gente as costuma tomar, ainda que esse sentido não seja verdadeiro, e até frequentemente erroneo.

Quando fallâmos scientificamente, ligâmos ás palavras e phrases o sentido que lhes é proprio, embora destoem assim muito a ouvidos ignorantes.

Esclarecâmos agora com mui poucos exemplos o que fica dito, que é assumpto vasto de que outra vez nos havemos de occupar.

Quando dizemos: nasceu o sol, nasceu a lua, usâmos da linguagem popular, por quanto aquelles astros jámais nasceram. Na linguagem scientifica diriamos: o sol, a lua elevaram-se acima do horisonte.

Doe-me a cabeça, é uma expressão popular. Scientificamente fallando, cabeça é toda a porção que a columna vertebral sustenta na sua parte superior, e compõe-se de craneo (a que vulgarmente se dá o nome de cabeça) e de face.

Tomei banhos do mar, dizem popularmente muitas pessoas que apenas se banharam no Tejo.

Digamos já d'aqui, de prevenção, que assim como é grande erro, em certos casos, substituir ás expressões scientificas as populares, tambem é pedantismo imperdoavel querer no trato commum das gentes usar de phrases scientificas, que os que nos ouvem não estão habilitados para entender.

Para explicarem a maneira por que os atomos tendem uns para os outros e se conservam em muitas circunstancias aggregados, prefazendo a massa dos corpos; e como, não obstante a tendencia que tem para se unirem, ficam sempre separados, ainda que por espaços excessivamente pequenos, admittem elles a existencia de duas entidades, a que chamam *forças*, actuando sobre os atomos; das quaes uma, denominada *cohesão*, tende a aproximal-os, e a outra, denominada *força repulsiva do calorico*, tende pelo contrario a desunil-os.

Estas duas forças, que bem podêmos considerar como antagonistas, não exercem a sua acção sobre os atomos sempre com a mesma energia reciproca.

Umas vezes vence a cohesão a força repulsiva, e então os atomos permanecem muito juntos e immoveis, dando ao corpo, que constituem, fórma propria.

Outras vezes luctam as duas rivaes sem vantagem, porque, sendo a energia de uma egual á da outra, neutralisam-se os seus effeitos. N'este caso os atomos attrahidos e repellidos com a mesma intensidade, conservam-se a uma distancia maior do que quando a cohesão predomina; movem-se mui lestos uns por entre os outros, e não permittem, em consequencia da sua grande mobilidade, que tenham fórma propria os corpos que resultam da sua união; motivo por que é indispensavel conservar taes corpos em espaços cujas paredes se opponham a que elles corram, ou se entornem, como dizemos na linguagem familiar.

Corpos ha, finalmente, que carecem de fórma propria, e tendem incessantemente a occupar um espaço maior, porque sobre seus atomos actua com muita energia a força repulsiva, sendo quasi nullo o effeito da cohesão.

Denominam-se *solidos* os corpos em que a cohesão excede a força repulsiva; *liquidos* os em que se neutralisam as duas forças; *gazes* ou *fluidos aeriformes* os em que a força repulsiva sobreexcede a cohesão.

A prata e a madeira são corpos solidos; a agua e o azougue são liquidos; o ar e o corpo que faz saltar com violencia as rolhas das botijas de cerveja, e que depois obriga a sair o liquido espumante, são *gazes*.

Chamam tambem os physicos a estas tres fórmas, sob que se mostram os corpos, *fórmas de aggregação*, porque dependem do modo por que os atomos se dispõem ou aggregam.

Prosigamos na explicação da experiencia.

Se, estando o copo na sua posição natural, lhe deitassemos agua, sairia o ar, por ser mais leve, cedendo-lhe o logar que occupava.

Como o invertemos e pousámos, assim invertido, na superficie da agua, ficou o ar alli preso.

Cravando um pouco o copo, a columna d'agua, sobre que elle assenta, exerce pressão debaixo para cima nos atomos da camada inferior do ar que o enche, obriga-os a aproximarem-se mais uns dos outros, e sóbe para occupar o logar que lhes conquistou.

Enterrando mais o copo, augmenta a pressão da agua contra os atomos do ar; cedem estes, aproximam-se mais, e deixam novo espaço á agua, que não tarda em senhorear-se d'elle.

Continuam as coisas assim, até que chega um momento em que nem a agua sóbe mais, nem diminue o volume do ar.

Paremos, e reflictamos sobre o valor scientifico da ascensão da agua e da diminuição apparente do ar.

De um tão simples phenomeno podem deduzir-se duas importantes verdades: 1.ª que no ar, corpo que, como todos os outros, se nos afigura continuo, estão os atomos separados, porque, não estando, seria impossivel aquella diminuição de volume, sem perda ou evasão de parte alguma do corpo que enchêra o copo: 2.ª que tem o ar a propriedade de diminuir de volume, quando é sufficientemente apertado.

Chama-se *compressibilidade* a esta propriedade, que, como veremos, é commum a todos os gazes, aos solidos e liquidos, mas em differentes graus.

Qual é, porém, a razão por que, por mais que cravemos o copo na agua, nunca esta o enche completamente, ficando sempre em cima um espaço que parece vasio?

É porque no logar em que está um corpo não póde, ao mesmo tempo, estar outro.

No espaço que parece vasio, entre o fundo do copo e a parte superior da agua que n'elle penetrou, está o ar, reduzido ao volume mais pequeno a que a pressão ou aperto da agua, n'aquellas circunstancias, o póde reduzir. Em quanto d'alli não sair, nada mais alli estará.

É n'isto que consiste a *impenetrabilidade*. [1]

A prova está no phenomeno que se observa quando se inclina o copo dentro do liquido.

Passam através d'este numerosas bolhas que vão sumir-se na atmosphera. É o ar que, por ser mais leve que o liquido aquoso, o atravessa, deixando-lhe o espaço em que estivera.

E a que é devido o estrondo que faz no acto de passar para a atmosphera?

Provavelmente á quéda da agua nos espaços vasios, que cada uma das bolhas deixa ao abandonar a massa liquida.

J. J. DE SOUSA TELLES.

LEITURAS FAMILIARES

III

Luz e verdade, dissemos nós, sejam os fundamentos da educação: luz que mostre a verdade, verdade que satisfaça o entendimento. Falta um terceiro principio, elemento essencial, não só importante: o amor.

Quem não sabe que o amor é a mais fecunda, mais energica e mais consoladora das nossas affeições? Pois ainda é mais do que isso. É uma necessidade imperiosa, physiologica, organica, se me permittem a expressão, do ser moral, traduzida no Evangelho por aquellas palavras do Redemptor: Não é só do pão que vive o homem, mas de toda a palavra que vem do Senhor. A palavra do Senhor tem luz, tem verdade, e tem, sobre tudo, amor. Jesus Christo, baixando do ceo á terra, teve o amor por causa, por fim, e por meio. O amor que nos tinha foi a causa que o determinou a vir ensinar-nos que só o amor nos póde dar a felicidade n'esta vida, e servir de meio para alcançar o amor eterno, fim ultimo que nos espera além da morte.

São-te perdoados teus muitos peccados, disse elle á Magdalena, porque amaste muito. Magdalena é a humanidade inteira.

E o dito do Evangelho é infallivel como tudo o que vem de Deus. O amor é tão essencial á nossa existencia, que todo o gozar se póde traduzir por amor. Prazeres reaes os do coração, ou não os ha. São os unicos que se esgotam puros sem amargor no fundo. Prazeres que nos supprem tudo, e que nada supprc. No fastigio do poder, na ultima realidade das maiores ambições, acercado de honras, de dignidades, de considerações, o homem sente-se triste e incompleto, se um raio de amor lhe não adoça a posição. Entre tudo o que tem, alguma coisa lhe falta que não póde dispensar. É o que explica, e, se não justifica, desculpa ao menos as grandes fraquezas dos grandes homens.

Sae a gente de sua casa e vae correr mundo. Apre-

[1] Alguns physicos consideram a impenetrabilidade não como propriedade da materia, mas como a materia mesma.

senta-se na primeira terra que mereça attenções, faz valer os seus recursos, mostra as suas cartas de recommendação. Rodeiam-nos logo trinta amigos, isto é, trinta homens que nos vão comprimentar, que nos franqueiam a sua casa, que nos recebem, que nos agasalham, que nos levam onde ha o ver e o divertir; que nos não poupam a visitas, a theatros, a passeios, a reuniões, a concertos, a todo esse movimento de encanto e frenesi que constitue o viver grande da sociedade. E nós vamos de boamente, deixamo-nos envolver n'esse turbilhão, agitâmol-o por todos os modos, empenhâmos n'elle todas as forças, entregamos-lhe sem reserva alma e corpo. Deixâmos Paris vamos para Londres, deixâmos Londres vamos para Roma, deixâmos Roma vamos para Veneza: vêmos o Louvre, o Tunnel, S. Pedro e o Leão de S. Marcos.

E tudo isso nos attrae e nos distrae, e sentimo-nos animados, alegres, satisfeitos.

Mudemos porém as tintas ao quadro. Um movimento de politica arremessa-nos desconhecidos a um paiz estranho. Lá vamos nós, Deus sabe para onde, e á mercê do que vier. Trocâmos o nosso nome, disfarçâmos o semblante, despimo-nos do nosso trajo, fazemo-nos homem novo para sociedade nova. E chegâmos. É uma cidade populosa e rica. Ahi temos os mesmos theatros, os mesmos bailes, os mesmos cafés, a mesma agitação, o mesmo divertir.

No primeiro dia tudo é nosso: no segundo andavamos, mas por ir, já sem enthusiasmo; no terceiro já não saímos; ás duas por tres estamos quebrados d'animo, sentimo-nos frios por tudo aquillo, e a final esmorecemos de todo, toma-nos a tristeza, invade-nos a nostalgia, caímos prostrados em inercia absoluta e estupida.

D'onde provém a mudança? D'uma coisa bem simples. É que nada do que passou um instante diante de nós nos chegou ao coração. Vimos muita gente e não vimos ninguem: muita gente que passava a nosso lado, ninguem que nos viesse ao encontro: muita, muita gente, muitissima gente, uma multidão infinita, e ninguem que nos désse um olhar de interesse, ninguem que nos unisse um momento ao peito.

O que é a desgraça do proscripto senão a saudade? E a saudade é um passado de bençãos diante de um presente de maldição; é o conjuncto indefinivel de todos os sentimentos de um homem, que lhe surgem mais ternos na solidão e no abandono.

No entretanto chega-lhe uma carta. Era de sua terra, de sua familia, de sua mãe. Esqueceu tudo. Eil-o restituido a si, á sua alegria que o faz chorar, ao seu pranto que o volve alegre. Leu a carta, fechou os olhos, abysmou-se inteiro no seu passado. Deixem-no, que não ha agora ter dó d'elle. Visões queridas lhe povoam a mente, deliciosos affectos lhe embriagam o coração. Está gozando, porque ama.

Que o amor é como Deus: está comnosco em toda a parte. Não o encerram logares, nem distancias o afastam, nem o tempo lhe faz mossa. É immenso, é eterno, é bemfazejo. Qual de nós, em amarguradas horas do viver, não sentiu consolação extrema com a lembrança de quem ama?

Mas ainda em ponto de vista mais subido, o amor é não só util, senão necessario. O amor é o fundamento de toda a moral, a moral o fundamento de toda a felicidade. Quem ama respeita; quem respeita obedece. A moral é a expressão da vontade de Deus gravada no coração do homem, e exarada no antigo preceito do Decalogo: amae a Deus sobre tudo, amae o proximo como a vós mesmos. N'este preceito de amor estão encerrados todos os nossos deveres: deveres para com Deus, para comnosco e para com nossos similhantes. Os primeiros e terceiros estão claramente expressos; os segundos deduzem-se de uma simples reflexão. Como podêmos nós regular o amor aos outros pelo amor a nós mesmos, se não nos amarmos a nós tambem? Amae os outros como a vós, diz a lei: logo amae-vos a vós, e por esse amor medi o amor a vossos similhantes.

N'isto tem fundamento a regra principal e reguladora de toda a moral: faze aos outros o que queres que os outros te façam a ti. Regra esta que resume e dispensa um grande codigo. Para nós sabermos as nossas obrigações para com quem tratâmos, só temos a julgar de nós o que de outrem temos a exigir. E temos a exigir tanto quanto nos seja necessario para a nossa perfeição, isto é, o maximo de desenvolvimento possivel em todas as nossas faculdades, ou moraes ou physicas; dever é que temos absoluto e imprescriptivel, dever que nos [illegible] do direito com que requeremos dos estranhos ajuda e auxilio.

E elles de nós é a mesma coisa. Os nossos direitos são os seus direitos, os seus deveres os nossos deveres. O que elles nos devem devemos nós a elles.

Por isso não póde haver duvidas para ninguem ácerca dos deveres moraes. Em nos collocando na posição relativa dos outros para comnosco n'um momento dado, logo nos occorre o que quereriamos que nos fizessem n'esse momento, e d'ahi temos logo o que lhes devemos a elles de fazer.

Ora dêmos um exemplo.

Vamos de jornada por um descampado, e vamos sós. A todo o alcance da vista, em muitas legoas de roda, não se nos antolha um signal de gente viva: nem casa nem fumo. Montes e valles estendem-se ao longo n'uma solidão immensa. É dia medonho de tempestade horrivel. Os relampagos cruzam nos ares, os trovões roncam ao longe, a chuva cae em jorros.

De repente fere-nos o ouvido um brado de soccorro, alguem afflicto nos demanda auxilio.

Que faremos? Deixar a nossa jornada para acudir áquelle homem, ou não lhe acudir e continuar a nossa jornada?

A noite vem lá, a chuva não despega, nós temos a nossa vida e o nosso caminho para andar. Não o vemos nós, não nos vê elle provavelmente. Não lhe fazemos desfeita, nem tem por que se escandalisar de nós. Supponha que não passou ninguem. E de mais, quem nos diz a nós que aquelle brado não seja a voz do crocodilo, que não seja uma cilada para os inexperientes? Nada: o mais seguro é ir adiante.

Depois de reflexões similhantes embuçâmo-nos mais seguramente no nosso capote de viagem, apertâmos mais os ilhaes do cavallo, e pelo sim pelo não sempre vamos andando um pouco mais depressa.

Entretanto o brado faz-se ouvir de novo, e agora mais agudo, mais afflictivo, mais angustioso. Parece effectivamente que quem chama está em grande lastima. D'esta vez chegou-nos mais fundo. Não ha remedio senão ir lá; é o primeiro pensamento. Quem quer que é, bem póde ser que esteja realmente em perigo. Mas que temos nós com isso? Temos alguma obrigação de nos importarmos com quem não conhecemos?

Chegâmos ao ponto precisamente. Temos, sim: responde a consciencia e responde a moral. E por uma razão muito simples, porque nós quereriamos que nos acudissem se fossemos nós que pedissemos soccorro. Aqui não ha fugir: é deixar tudo e ir ao homem.

E se é um ladrão que nos rouba?

Não nos rouba a consciencia de termos cumprido o nosso dever. Ficâmos sem dinheiro, mas ficâmos sem remorsos. Ficâmos de melhor. Para elle uma coisa e outra. Fica de peior. Não ha circumstancia nenhuma que nos dispense do nosso dever, se não é um dever mais forte e com esse incompativel. Casos porém são estes muito raros. Em geral os deveres não implicam uns com os outros, e podem cumprir-se todos desembaraçadamente.

E em sacrificar tudo ao dever está o grande merecimento de um homem. O dever é o pharol da nossa vida: allumia o porto que nos tem salvação. Quem de vista o perde anda em trevas; quem caminha para elle caminha para a luz.

E torto vae quem fóra d'elle procurar a felicidade. É similhante á borboleta, que não differença a luz do sol, e vae queimar-se n'uma vela. Cegos de espirito, illudem-se com o fogo-fatuo de um brilhar instantaneo; a mais leve sombra lhes parece fumo, e só tarde conhecem, e nem todos, que a imagem querida de seus encantos era um penedo escalvado e nu.

A felicidade está em nós; não a busquemos longe. Que a consciencia, bem esclarecida e bem inclinada, nos esteja aquella, e os vaevens da sorte não rompem brecha por onde nos entre a inquietação. E ser feliz é dormir socegado sem rebates do passado nem nevoas no futuro: ser feliz é estar bem com todos, com Deus, comnosco, com os nossos irmãos.

Succede ás vezes passar em nossa vida um periodo escasso de gozos, mais ou menos turvado de pezares. Não chamemos a isso infelicidade. Bem como ao diamante os golpes do martello lhe demonstram a finura, assim tambem ao homem os golpes da adversidade lhe são provas do valor. Esse periodo de angustias Deus nol-o envia, de quando em quando, para experimentar a nossa fortaleza; e se lhe havemos resistido com animo seguro e consciencia limpa, não é elle nunca que se esquece de nós. Nós é que vemos pouco e suspeitâmos mal do que não vemos. Quantas vezes succede um bem real do que nós suppunhamos grande desventura? Acreditemos que o que acontece, sem que nós com má tenção o hajamos preparado, é sempre pelo melhor, ainda que tal nos não pareça. É uma consolação este pensar, porque é uma esperança que no menor numero de casos se não converte em realidade. Mas quando não converte, não é a esperança só por si um grande allivio?



Tapada da Ajuda — Desenho de Barbosa Lima

Sejamos pois fieis ao nosso dever, que Deus vela por nós, e, mais tarde ou mais cedo, toma em conta os ignorados merecimentos da vida mais obscura. Seus olhos de pae vêem mais do que nos parece a nós, e quando mal nos precatâmos, seu braço omnipotente manifesta a sua bondade, e as agruras se nos demudam em plainos, os abrolhos se nos convertem em lirios.

E depois, que custa pagar quando a divida é amor? O dever é um gozo. Como é admiravel a sabedoria do Senhor!

Fé, esperança e caridade são as tres virtudes do christão: a caridade é a principal. Por que? Será de menos valia a fé ou a esperança? Terão menos importancia n'esta vida, serão menos necessarias para a outra? Não: mas a caridade resume-as todas. Quem ama confia, quem ama espera. Amar é ter fé, é ter esperança, é ser christão, é ser homem social, é ser de Deus, de si, de todos. Amemos a Deus, e não seremos nem blasfemos, nem incredulos, nem sacrilegos: amemo-nos a nós, e não seremos nem luxuriosos, nem glutões, nem preguiçosos: amemos os nossos similhantes, e não seremos nem soberbos, nem avaros, nem mentirosos, nem assassinos, nem adulteros, nem tanta coisa má que nós somos quando não amâmos.

Com estes principios gravados bem fundo, deixae vir as procellas da vida. Ter-lhes-hemos rosto sereno, vel-as-hemos quebrar a nossos pés. O inferno e o mundo conspirem contra nós, que onde quer que nos arrojem as suas furias, ahi seremos firmes e risonhos com a mão na consciencia e os olhos em Deus.

J. Simões Ferreira.

TAPADA DA AJUDA

Posto que esta real tapada esteja mais proxima do antigo paço do Calvario, pela sua denominação deve pertencer ao palacio da Ajuda.

Quando dermos a gravura d'este grandioso edificio, que será proximamente, publicaremos o que averiguarmos a respeito da origem d'esta real coutada.

AS DOZE PEROLAS DO COLLAR

LENDA DAS ESCHOLAS CHINEZAS

(TRADUCÇÃO DE B. PAGANINO)

(Conclusão. Vid. pag. 162)

— A septima legenda diz: *You Tsiouen yo li.* «Fonte repuxante e peixe saltador». Refere-se isto á mulher de um tal Kiang, que vivia no tempo da grande dynastia dos Han, na epocha em que o dia foi dividido em doze partes eguaes, de duas horas cada uma.[1] Esta mulher mostrou a maior piedade por sua mãe, e depois d'ella pela mãe de seu marido. Esta, na velhice, só podia comer o peixe saltador (carpa), e beber a agua tirada do rio chamado Yang-Tzé-Kian. Todos os dias a obediente nora fazia uma longa viagem para ir renovar as provisões de sua sogra. N'um d'elles, porém, extenuada pela fadiga da vespera, esqueceu-se de ir ao rio. N'essa mesma tarde seu marido repudiou-a. Expulsa de casa, trabalhava de tecedeira, e com o producto do trabalho não só acudia ás proprias necessidades, mas ainda podia recompensar um visinho, que todos os dias ia buscar uma carpa pequena e uma cantara de agua ao Yang-Tzé-Kian, que depois, ás escondidas, ia deixar em casa da sogra.

Kiang, tendo espreitado quem d'est'arte abastecia sua velha mãe, veiu no conhecimento do segredo da esposa repudiada, e arrependendo-se da sua crueldade para com um similhante coração tão fiel aos seus deveres, foi buscal-a e restabeleceu-lhe todos os direitos. A mulher de Kiang recomeçou então as suas viagens diarias ao Yang-Tzé-Kian, e com uma perseverança tal, que não havia coisa alguma que a obrigasse a faltar a este trabalho, bem penoso muitas vezes. Foi n'uma d'estas occasiões, e no seguinte anno, que deu á luz um filho. Uns transeuntes, que a encontraram na estrada, trouxeram-na para casa com o filho. Apesar dos seus padecimentos, a mulher de Kiang deixou perceber no rosto que estava contente, por ter permittido o ceo que a trouxessem com o provimento diario a horas da refeição de sua sogra. O filho cresceu, e veiu a ser o fornecedor da unica agua que sua avó bebia. Um dia a criança, estando a tiral-a, caiu no Yang-Tzé-Kiang e morreu affogada. A mulher de Kiang não ousou attribuir esta desgraça a sua sogra, e como não é crime disfarçar a verdade quando esta possa ferir o coração de nossos paes, attribuiu a morte de seu filho a outra causa, e chorou-o ás escondidas. O ceo, commovido por tão piedosa mentira, e por uma resignação tão heroica, permittiu que o corpo da criança viesse ao lume d'agua. O que augmenta ou diminue a seu belprazer o numero dos nossos annos no livro da vida, deu outra vez ao filho d'aquella piedosa mulher a somma de dias que acabava de lhe tirar, e a criança, tornando á vida, foi restituida aos braços de sua mãe. Mas, para que o perigo a que já succumbira uma vez se não repetisse, *Yu-Kong*, o genio familiar, fez com que brotasse ao lado da cabana de Kiang uma fonte de agua limpida, milagrosamente desviada da corrente habitual do Yang-Tzé-Kiang. Na cavidade que a agua fez viam-se serpear os peixes saltadores. D'esta fórma, sem perigo e sem fadiga, poderam obter desde então, em abundancia, a agua e as carpas que a velha preferia.

— A oitava legenda diz: *Ou Mang Tzé Ouan.* «Ou-Mang alimenta os mosquitos. O que se refere ao joven Ou-Mang, que vivia na epocha em que foi construida a muralha das dez mil *lis* (mil legoas)[1]. Era tão grande a pobreza do paiz, que nem sequer tinha coberta na cama, e nas noites de verão padecia cruelmente com as picadas dos mosquitos. A criança, que ainda não tinha oito annos, não enxotava os insectos que lhe mordiam para que não fossem perturbar o somno de seu pae. Quando Ou-Mang chegou a edade mais avançada, seguiu o seu querido pae á floresta onde este exercia a profissão de matteiro. Um dia o pobre rachador de lenha foi salteado por um tigre. O animal faminto ia devorar o pae de Ou-Mang, quando este, segundo diz a historia, esquecendo-se de que tinha pae atirou-se ao tigre e obrigou-o a largar a preza. O lenheiro livre de perigo travou do machado, e com um golpe prostrou o monstro, e d'esta fórma tambem salvou a vida do filho, que ia pagar bem caro o seu piedoso atrevimento.

— A nona legenda diz: *Ki mou tsè tsin.* — Fez esculpturas em madeira para servir seus paes. Refere-se isto a Tsing-Lau, que vivia no tempo em que foi instituida a festa das lanternas[2]. Era um pobre moço de fretes nas praças publicas. Não podéra conhecer seus paes, porque quando estes morreram tinha apenas alguns mezes de edade; mas o ceo tinha-lhe enriquecido o coração com os preciosos sentimentos da piedade filial, e por isso grande pezar era para o orphão ver-se privado de pae e mãe, que elle quizera amar e servir. Não se cançava de ouvir fallar em seus parentes aos que os tinham conhecido; mas, assim como o pobre sequioso, que vê correr um arroio a que seus labios não podem chegar, Tsing-Lau, ouvindo discorrer os amigos de seu pae e de sua mãe, irritava a sua sêde de amor, em logar de a satisfazer. Teve um sonho em que lhe appareceram os que lamentava tanto. As imagens de tal maneira se fixaram na memoria, que ao dispertar pareceu-lhe que os via ainda. Ting-Lau adivinhando que esta milagrosa apparição lhe fôra enviada para que podesse realisar o voto de toda a sua vida, esculpiu com uma faca duas imagens de madeira perfeitamente similhantes ás que víra em sonhos. A parecença com seus paes era tal, que os que se lembravam vagamente d'aquellas physionomias, encontraram nos dois idolos de Ting-Lau as feições exactas que se lhes tinham apagado da memoria.

— Sim, sim, é teu pae por uma pena; é mesmo tua mãe, lhe diziam os amigos velhos da familia, parece que estão vivos!»

—Vivos, ai! não estavam elles, entretanto o piedoso filho servia-os e honrava-os, como se elles o podessem ver e abençoar. Não emprehendia coisa alguma sem os consultar, e quando commettia alguma falta ajoelhava diante d'elles pedindo-lhes perdão. Ting-Lau casou. A mulher que tomou para companheira não tinha, como elle, um coração accessivel ao santo amor da familia. Achou ridiculo e digno de desprezo o culto que seu marido rendia a dois pedaços de pau sem valor, segundo ella dizia. Um dia em que Ting-Lau estava ausente, lembrou-se de picar com uma agulha os dedos das duas imagens. Quando voltou para casa, o filho respeitoso tendo ido, conforme seu o costume, saudar seu pae e sua mãe, viu-lhes sangue nas pontas dos dedos e lagrimas nos olhos. Ting-Lau desesperado perguntou a sua mulher d'onde provinha aquelle sangue, e qual era a causa d'aquellas lagrimas. A culpada espavorida pelo milagre confessou o crime. O marido repudiou-a, e até aos ultimos dias da sua vida serviu a seus paes.

— A decima legenda diz: *Gouei mou Tieou eull.* Para salvar sua mãe abandonou seu filho. O que se refere a Ko-Yang, que vivia na epocha em que o grande

[1] No anno 72 antes de J. Christo

[1] A grande muralha da China levantada por ordem do imperador Chi-Hoang-Ti, no anno 22 antes de Jesus Christo.

[2] No anno 815 proximamente da era christã, a origem d'esta festa foi a busca do corpo de Yen-Youen, homem de estado, que se afogou accidentalmente no Yang-Tzé-Hiang.

canal foi aberto [1]. Ko-Yang tinha um filho de tres annos de edade e sua mãe que era velha. Disse um dia á sua mulher:

— A nossa miseria é tão grande que se nos torna impossivel sustentar ao mesmo tempo a nossa mãe e o nosso filho, mas se perdermos nossa mãe o ceo não nol-a substitue. É preciso por conseguinte para acudir a uma abandonar o outro.

A mulher de Ko-Yang, apesar do horror que lhe inspirava esta resolução, consentiu, chorando e vencida pela necessidade, em abandonar o seu filho. Ko-Yang levou a criança para um bosque muito afastado de casa, deu voltas todo o dia para ver se o perdia; a criança porém seguia sempre o pae. Finalmente o cançaço apossou-se da criança e pouco depois o somno. Adormeceu deitado no musgo que atapetava as raizes de uma arvore. Se Ko-Yang partisse ficava seu filho ao abandono, mas o amor de pae obrigava-o a demorar-se; pensava nos animaes ferozes, que podiam ferir ou matar o desamparado, pensava no frio da noite, que o havia de entorpecer por força ou gelal-o, de sorte que expulsando-lhe o calor da vida durante o somno, não o deixasse acordar. Resolveu arranjar-lhe um abrigo na rocha visinha. Mas, assim que lhe bateu com o seu bordão ferrado, viu caír uma pedra, e descobriu uma escavação na qual viu brilhar, por cima de uma barra de oiro, este distico formado com letras luminosas:

«O ceo concede este oiro á piedade filial de Ko-Yang para que possa sustentar sua mãe e seu filho.»

—A undecima legenda diz: *Maï ching tsang fou* «Vende-se para dar sepultura a seu pae.» Refere-se a Tong-Yong, que vivia na epocha em que a arte de imprimir livros foi inventada por Fong-Tao [2]. Tendo-lhe morrido o pae, ia-lhe chorando a morte por uma praça fóra. Lamentava-se pela perda que soffrêra, e pela grande pobreza em que vivia, que o não deixava tributar ao defuncto as honras funebres. Um rico negociante, que ia passando, informou-se do motivo de similhantes lagrimas. Então este homem, vendo-o robusto e suppondo-o animoso, visto que era bom filho, disse-lhe:

— «Não chores mais, Tong-Yong, não has de passar pela vergonha de deixar teu pae sem sepultura. Dar-te-hei tanto dinheiro quanto for preciso para lhe levantar um tumulo de sete andares; mas com a condição de ficares meu escravo até te poderes forrar.»

Tong-Yong, cheio de reconhecimento, acceitou a proposta. Depois de ter cumprido honrosamente todas as ceremonias do funeral de seu pae, poz-se a caminho, direito a casa de seu senhor, que habitava a 150 *lis* (15 legoas) distantes do sitio onde o piedoso filho o encontrára pela primeira vez. No caminho appareceu-lhe uma rapariga, e perguntou-lhe se a queria para mulher.

— «Ambiciona uma triste sorte, disse-lhe elle, porque a mulher do escravo tem dois senhores que servir, o senhor de seu marido e seu marido.»

A rapariga respondeu com estas palavras do *I-King* (livro da doutrina dos destinos): «O ceo é o senhor, a terra é a escrava; a mulher é a escrava; a mulher deve estar sujeita ao homem.»

Tong-Yong, vendo-a assim resignada, disse-lhe: «Vinde.» Ella acompanhou-o a casa do senhor.

Tres dias depois o escravo estava livre, porque tres dias apenas tinham sido sufficientes para que a mulher de Tong-Yang tecesse trezentas peças de seda, que serviram para resgatar seu marido. Em seguida os dois esposos tomaram o caminho da cidade. Quando chegaram ao sitio em que, poucos dias antes, se tinham encontrado, a rapariga voou aos ares e desappareceu. A piedade filial de Tong-Yong tinha commovido o ceo, que permittíra a um dos seus espiritos apparecer ao orphão e tecer a seda para o resgatar.

— A duodecima legenda diz: *Kou tchou seng sun.* «Chorando sobre os bambus, faz-lhes crescer os rebentos.» O que se refere a Mang-Tsong, que vivia na epocha em que foi estabelecido o uso de ligar os pés das mulheres com tiras de panno de linho [1]. A mãe do moço Mang-Tsong, pobre viuva, estava doente de muito perigo; tinham-lhe dito que o unico medicamento capaz de a salvar consistia n'um caldo dos rebentos novos dos bambús. Mas era no pino de um rigoroso inverno, e tornava-se por conseguinte impossivel a Mang-Tsong obter os preciosos rebentos por meios que dependessem do poder dos homens. Não podendo contar que os seus desejos fossem satisfeitos, encaminhou-se todavia para uma plantação de bambús. A neve cobria a terra, e em pontos, sobre as hervinhas seccas, scintillavam as agulhas de granito. Então Mang-Tsong, desesperado, torceu as mãos, e derramou abundantes lagrimas. Immediatamente os seus prantos fizeram derreter a neve; a terra fendeu-se, e viçosos rebentos de bambús appareceram á superficie do solo. Mang-Tsong deu-se pressa em colhel-os, levou-os para casa, e o caldo que fez com os fructos da sua maravilhosa colheita restituiu, n'esse mesmo dia, a saude a sua mãe.

Yang, tendo desfiado assim, perola por perola, o collar da legenda, voltou-se para o bonzo, e perguntou-lhe se a explicação dos caracteres era como elle desejava.

— Esqueceu-vos, replicou o visitador, de nomear aquelle que reuniu em si todas essas virtudes filiaes, aquelle cujo titulo de honra, no templo da familia, ha de ser a decima-terceira perola do collar, ou a perola imperial.

— Esse não conheço eu, disse o bacharel, não hesitando em confessar a insufficiencia dos seus conhecimentos.

— Ignorante! — exclamou o religioso mendigo com entoação capaz de cobrir de vergonha o bom Yang.

N'este momento os assistentes, discipulos e visinhos, sentiram-se movidos de compaixão pelo pobre mestre-eschola. Mas immediatamente o seu hospede, tomando-lhe a mão, e dirigindo-se para a turba reunida, acrescentou:

— A perola imperial do collar eil-a! É Yang, o mestre-eschola da rua das Perpetuas Aquaticas; é Yang, denominado a *luz perfeita*, não por causa do seu saber, a que a modestia tem velado o brilho; mas porque serviu de guia durante vinte annos a sua mãe cega, conseguindo, com a sua infatigavel e engenhosa piedade, que a veneranda enferma chegasse a esquecer-se de que tinha perdido a claridade do dia.

O bacharel estava mudo de pasmo no meio da turba transportada de admiração. Todavia o bom Yang não podia dizer que chegára ao termo das sopresas que seu hospede desconhecido lhe preparára.

Apenas o supposto religioso budhaico acabava de fallar, fez-se ouvir na rua o som de instrumentos metallicos. Pouco tempo depois um rico palanquim descançava defronte da porta da eschola. Perguntavam todos: «De quem será?» vendo por cima do palanquim a umbella verde, distinctivo dos principes da casa imperial.

— Senta-te no meu palanquim, disse o estrangeiro designando-o a mestre Yang, para que o povo nos veja hoje juntos, e para que a historia diga um dia, como foi que o irmão do teu soberano, o examinador imperial das escholas, não tendo podido vencer a tua moderação, nem fazer com que a tua sciencia falhasse, honrou na tua pessoa a paciencia, as virtudes modestas e a piedade. Yang e os assistentes prostraram-

[1] Proximo ao anno 294 da era christã.
[2] No anno 935 antes da era christã.

[1] Proximo ao anno 1341 da era christã.

se diante do principe, e este, não podendo conseguir que o mestre abandonasse os seus discipulos para tomar uma posição mais elevada na profissão das letras, disse-lhe quando partiu:

— A tua modestia não prejudicará em coisa alguma a tua gloria; porque todos sabem hoje que foste tu quem enriqueceu com a pedra mais preciosa o collar da familia.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

39.º

CARTA

Dizia ha tempo um novato do curso juridico, fundado na auctoridade do auctor do livro que o guiava em seu estudo, ser portugueza a expressão *garantir*, e est'outra *confeccionar as leis*: e affirmava até ser impossivel substituil-as por modo que não alterasse as idéas que ellas representam.

Foi este ponto origem de alguma discussão entre mim e aquelle novato, porém não pude convencel-o de que laborava n'um erro: pelo que escolhi, e elle acceitou, para arbitro d'esta pendencia, o auctor dos *Estudos da lingua materna*, que por ambos foi considerado tão digno de a resolver, que entre nós concertámos ter essa resolução como a verdadeira.

Acceita? * * *

RESPOSTA

Do emprego do verbo *confeccionar* já tratámos a pag. 360 do 3.º volume d'este semanario.

É agora acrescentaremos, que em portuguez melhor se dirá *confeiçoar*, verbo derivado do nome *confeição*; e assim o escreviam os classicos: entre elles o auctor do *Agiologio*, de que nos recordâmos agora, no tit. I, pag. 92:

«Ás sextas feiras (sôr Beatriz do Horto), por se mortificar, bebia uma amargosa beberage, que para esse effeito *confeiçoava*.»

Entretanto tambem se póde dizer *confeccionar*, mas só na accepção de fazer confeições, que é a mistura ou composto de diversas substancias que se fazem nas boticas, perfumarias, etc.

O que se não póde é applical-o no sentido francez, como por ahi fazem, não só a respeito das leis, mas de tudo quanto desdiz da sua rigorosa accepção.

É hoje commum lermos:

«Nomeou-se uma commissão para *confeccionar* a lei.»

«Já se *confeccionou* o regulamento.»

«O architecto está *confeccionando* o plano da obra.»

«Os productos d'esta fabrica são bem *confeccionados*.»

E outras que taes phrases, onde o emprego d'este verbo é não só gallicismo, mas disparate de marca maior.

Todas estas *confeições* serão muito doces e saborosas para certos paladares, mas repugnam e amargam ao gosto portuguez.

O nosso modo de dizer é: *Fazer* leis, *redigir* leis, *escrever* leis ou *legislar*.

Já se *formulou* o regulamento.

O architecto está *traçando* o plano.

Os productos d'esta fabrica são bem *trabalhados*.

Em fim, quasi tudo o que os gallicistas designam pelo verbo *confeccionar*, se explica em bom portuguez pelos verbos *fazer*, *formular*, *compôr*, *organisar*, *traçar*, *riscar*, *fabricar*, *produzir*, *delinear*, *idear*, e outros muitos.

Quanto ao verbo *garantir*, tambem o julgâmos superfluo, porque temos em vez d'esse, tomado do francez, muitos com a mesma accepção, e taes são: *affiançar*, *abonar*, *assegurar*, *preservar*, *acautelar*, etc.

Que necessidade ha de dizer: Este relogio está *garantido* por um anno, se nós podêmos dizer, com propriedade e clareza: Este relogio está *affiançado* por um anno? Ou: Esta capa é para me *garantir* do frio, em vez de: Esta capa é para me *livrar*, *preservar*, *guardar* ou *reparar* do frio?

São innumeraveis os exemplos que ha para prova de que o verbo *garantir* é escusado na lingua portugueza, por superfluo, e não tão significativo como os que temos para o traduzir do francez.

Na linguagem commercial é que se julgou necessario adoptar o verbo *garantir* para a harmonisar com a dos codigos d'onde o nosso foi compilado.

Mas fóra d'este caso, não ha razão para preterirmos os verbos portuguezes com que tanto podêmos variar a phrase, em vez de martellar continuamente com o *garantir* dos francezes.

O que está naturalisado é o neologismo *garantias*, nome adoptado para designar os direitos politicos que as constituições modernas concedem aos cidadãos livres.

Todos os vocabulos de que necessitâmos se devem receber sem repugnancia; mas não os superfluos, ou que forem menos expressivos que os nossos.

N'este caso estão os verbos *confeccionar* e o *garantir*, de que trata a carta a que temos a honra de responder, quando sejam empregados sem se attender á sua verdadeira accepção em portuguez, ou á que se lhes deu quando os tomámos de lingua estranha.

Então não lhes devemos chamar gallicismos, mas sim barbarismos.



Peramele narigudo

Parece um rato, este animal, mas não é. Pertence á numerosa tribu das sarigueias, com a singularidade de ter, além do focinho muito agudo, o nariz tão comprido que lhe sáe para fóra da queixada. Por isso lhe chamam narigudo.

Tem grande faro, e é insectivoro; pertence á Australia; o pello é côr de castanha, e as unhas amarellas. Comprimento até á raiz da cauda $0^{m},50$.

Nos museus mostra-se esta especie pela raridade do nariz.

Explicação dos enigmas dos numeros 18, 20 e 21

N. 18 — O amor orna de flores a estrada da vida.

N. 20 — Um amor cego é a fonte das maiores desgraças.

N. 21 — Nada mais arriscado que entre muitos querer ser primeiro.